



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES - IH
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES**

ARIADNE VENTURA MATOS

**FESTEJOS DE NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO NA COMUNIDADE
RURAL DE SÍTIO OITICICA - PACOTI: ESCRIVÊNCIAS COMO FONTE DE
FORTALECIMENTO DO “ELO UMBILICAL”.**

**REDENÇÃO - CEARÁ
2022**

ARIADNE VENTURA MATOS

**FESTEJOS DE NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO NA COMUNIDADE
RURAL DE SÍTIO OITICICA - PACOTI: ESCRIVÊNCIAS COMO FONTE DE
FORTALECIMENTO DO “ELO UMBILICAL”.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB – Campus Ceará, como pré-requisito para obtenção do Título de Bacharel em Humanidades

Orientador: Prof. Dr. James Ferreira Moura Junior

REDENÇÃO - CEARÁ

2022

ARIADNE VENTURA MATOS

**FESTEJOS DE NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO NA COMUNIDADE
RURAL DE SÍTIO OITICICA - PACOTI: ESCRIVÊNCIAS COMO FONTE DE
FORTALECIMENTO DO “ELO UMBILICAL”.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (BHU) vinculado ao Instituto de Humanidades (IH) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) como requisito final para obtenção do título Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 20 de julho de 2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. James Ferreira Moura Junior (Orientador / IH UNILAB)

Prof. Me. Antônio Ailton de Sousa Lima (Examinador / UECE)

Prof. Me. José da Silva Oliveira Neto (Examinador / UECE)

REDENÇÃO - CEARÁ

2022

Dedico este trabalho a minha comunidade e a minha família que muito me apoiou e incentivou a realizá-lo. Em especial, a minha tia que hoje é a estrelinha mais brilhante do céu.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao meu bom Deus por mais este feito. Por me guiar, iluminar e guardar. Por me sustentar nos momentos difíceis. Por estar sempre olhando por mim.

Aos meus pais, Antônio Heráclito e Lígia Clédia por me apoiar e contribuir para a realização dos meus sonhos. Vocês são meus exemplos de força, coragem e perseverança.

Aos amores da minha vida, João Pedro e João Felipe que me incentivam a ser melhor a cada dia. Quero ser sempre um bom exemplo para vocês.

Aos amigos/as moradores/as de minha comunidade que, de muito bom grado, me ajudaram. Sou muito feliz e grata por cada palavra de incentivo, por cada conversa, por abrirem seus corações e partilharem seus sentimentos, memórias de infância e um pouquinho de suas vidas comigo.

Ao professor James Moura Jr., pela sabedoria e determinação com que me orientou durante a realização deste trabalho. Por ter me apresentado ao gênero autoetnografia que me permitiu incluir minhas vivências e percepções sobre o meu lugar e nossas tradições.

E, em especial, a professora Adilbênia Machado por todo incentivo e carinho, por me mostrar o quanto minha pesquisa é especial e necessária.

Por fim, agradeço a você Ariadne por não ter desistido. Por ter perseverado. Por ter acreditado em você. Pela resiliência, resistência e cuidado. Por chorar, sofrer, sorrir, sentir-se realizada.

Parabéns por ter chegado até aqui! Muitas outras vitórias virão.

RESUMO

O sentido de comunidade consiste no sentimento de pertencimento a um determinado coletivo. Com base nisso, este trabalho tem como objetivo compreender a influência dos festejos do santo padroeiro no fortalecimento do sentido de comunidade na localidade rural de Sítio Oiticica, localizada no município de Pacoti. Dessa forma, realizou-se uma autoetnografia pois, além de possuir raízes na comunidade, a pesquisadora frequenta o festejo desde a infância e guarda as narrativas de seus mais velhos e de suas mais velhas. O método adotado neste estudo tem como proposta descrever e analisar sistematicamente a experiência pessoal, a fim de compreender a experiência cultural e religiosa. Após os resultados constatou-se que, além de mobilizar ativamente os moradores, o evento religioso é utilizado como um “pretexto” para regresso ao lugar de origem. Diante disso, a hipótese do trabalho se confirmou, pois esse evento religioso cumpre a função simbólica de reforçar vínculos e preservar identidades.

Palavras-chave: Autoetnografia; Religiosidade; Ruralidade; Pobreza; Sentido de Comunidade;

ABSTRACT

The sense of community consists of the feeling of belonging to a particular collective. Based on this, this work aims to understand the influence of the festivities of the patron saint in strengthening the sense of community in the rural location of Sítio Oiticica, located in the municipality of Pacoti. In this way, an autoethnography was carried out because, in addition to having roots in the community, the researcher has attended the festivities since childhood and keeps the narratives of her elders and elders. The method adopted in this study aims to systematically describe and analyze the personal experience, in order to understand the cultural and religious experience. After the results, it was found that, in addition to actively mobilizing the residents, the religious event is used as a "pretext" to return to the place of origin. In view of this, the hypothesis of the work was confirmed, as this religious event fulfills the symbolic function of strengthening bonds and preserving identities.

Keywords: Autoethnography; Community Sense; Religiosity; Rurality; Poverty;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - SÍTIO OITICICA (VISTA DE CIMA)	22
Figura 2 – ÁRVORE OITICICA.....	23
Figura 3 – FRANCISCO SAMPAIO BARBOSA (SEU BABU).....	24
Figura 4 – PADRE KILIANO MITNACH	25
Figura 5 - PADRE KILIANO CELEBRANDO UMA MISSA NA CAPELA DE SÍTIO OITICICA.....	25
Figura 6 - EMEIF: FRANCISCO ALVES BARBOSA	27
Figura 7 - CRECHE E PRÉ-ESCOLA PADRE KILIANO	27
Figura 8 - CAPELA NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO.....	29
Figura 9 - COROAÇÃO DE NOSSA SENHORA.....	30
Figura 10 - MISSA MENSAL.....	30
Figura 11 - CELEBRAÇÃO DO BATISMO	31
Figura 12 - VIA SACRA	31
Figura 13 - NOVENA MÊS DE MAIO	32
Figura 14 - PARTE RELIGIOSA DO FESTEJO.....	33
Figura 15 - PARTE SOCIAL DO FESTEJO, EM 2019	34

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. JUSTIFICATIVA	9
3. OBJETIVOS	9
3.1. Geral	9
3.2. Específicos	10
4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
5. MÉTODOS	18
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO	22
6.1. Conhecendo as raízes de Sítio Oiticica	22
6.2. Uma comunidade rural com potencialidades e privações	26
6.3. Os festejos da padroeira e a construção da religiosidade	29
6.4. O sentido de comunidade a partir da festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro 36	
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40

1. INTRODUÇÃO

Nasci em 31 de julho de 2001, no interior do Ceará. Sou filha de agricultores, meu pai possui o ensino fundamental completo e minha mãe não concluiu o ensino médio. Residimos em Sítio Oiticica, uma comunidade rural com aproximadamente 500 habitantes, localizada a 14 km da sede de Pacoti. Minha comunidade é famosa na região pelo cultivo de banana. Destaca-se que a maioria das famílias sobrevivem, exclusivamente, da agricultura. Meus pais professam a fé católica, por isso incentivam eu e meus irmãos a seguir os mesmos princípios.

Desde a infância, participo ativamente dos movimentos da comunidade, principalmente, dos eventos organizados pela igreja católica. Dentre eles, o que mais se destaca é o Festejo de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, santa padroeira da comunidade. Realizado anualmente no dia 27 de junho. Ele recebe, além de pessoas que moram em Oiticica, ex-moradores da comunidade e pessoas que residem em localidades vizinhas. Sendo elas, católicas ou não. Partindo desta explanação, este trabalho levanta os seguintes questionamentos: Qual o significado dos festejos de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro para os moradores da comunidade rural de Sítio Oiticica? Podemos afirmar que a realização dos festejos do santo padroeiro contribui para o fortalecimento do sentido de comunidade?

A realização de estudos sobre o sentido de comunidade se mostra muito relevante, principalmente, nas localidades rurais que compõem o nordeste brasileiro. Reconhecer os movimentos comunitários e outras tradições que o fortalecem é essencial para a valorização e preservação dessas manifestações ancestrais. Além disso, isso nos permite compreender o sentimento de pertença por outras óticas, dentre elas, como um instrumento de resistência para superação de privações e (re)-organização dos coletivos historicamente marginalizados.

Abordar o tema *sentido de comunidade* me permitiu investigar o meu lugar. Além de conhecê-lo melhor, pude vivenciar as pessoas que ali residem, nossas histórias e tradições ancestrais. Este projeto me proporcionou experiências extraordinárias que me fizeram enxergar minha comunidade por outras perspectivas. Minhas motivações de estudo partem, primeiramente, da curiosidade de conhecer a história de origem da minha comunidade rural, seguida, do meu envolvimento com o festejo do santo padroeiro. Esse evento sempre me cativou pois percebia o movimento da comunidade para bem realizá-lo. O festejo de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro desperta em mim a necessidade de participar e (re)-vivê-lo. Todos os moradores guardam em seus acervos de memória momentos vivenciados ali, essas histórias compõem a infância de muitos, inclusive a minha. Por isso optei por produzir uma

autoetnografia, pois essa metodologia possibilita a inclusão de minhas memórias, sentimentos e significados.

2. JUSTIFICATIVA

Este estudo se justifica pela necessidade de valorização e preservação das nossas tradições ancestrais. Aqui se pretende reforçar a importância dos movimentos construídos em comunidade, não só no sentido cultural, mas na manutenção da identidade de um povo, no fortalecimento dos laços tanto com as pessoas quanto com o próprio território, no despertar da luta comunitária para superação de privações e no entendimento do “eu” construído em coletivo. Enfim, ensinada por Conceição Evaristo (2020), busca-se dar visibilidade à voz da comunidade através das escrituras.

O presente projeto nasceu da curiosidade de conhecer a história de origem da minha comunidade rural. Ouvir o acervo oral que meus mais velhos e minhas mais velhas conservam me fez enxergar o lugar onde nasci e cresci por outro viés. A tese defendida por Emília Pietrafesa (2014) e Adilbênia Machado (2019) revelou-me o valor do território como palco da história humana. Diante disso, propôs-se estudar o festejo do santo padroeiro pois é uma tradição que marcou minha infância e possui grande adesão por parte dos moradores, sejam eles católicos ou não. O evento religioso possui valores simbólicos relevantes para a construção da história da comunidade e das pessoas que ali residem.

Além disso, de acordo com Moura Jr., Cardoso, Rodrigues, Vasconcelos e Ximenes (2013), a participação comunitária ativa na realização de festejos propicia e nutre o sentimento de pertencimento ao coletivo rural. Esses laços tecidos com os outros e/ou com o território é imprescindível para o bem-estar pois, como afirma Sobonfu Somé (2003), não nos sentimos sozinhos, podemos contribuir com nossos dons e receber as dádivas dos outros. Esse “elo”, quando fortalecido, desperta a solidariedade comunitária e se mostra um instrumento de resistência diante das dificuldades e privações.

3. OBJETIVOS

3.1. Geral

- Analisar a influência dos Festejos de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro no fortalecimento do sentido de comunidade na localidade rural de Sítio Oiticica, a partir de uma autoetnografia.

3.2. Específicos

- Apresentar a história da comunidade rural de Sítio Oiticica;
- Compreender os festejos de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro sob a perspectiva dos moradores;
- Estabelecer a relação dos festejos da padroeira com o sentido de comunidade;

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Mesmo sendo um termo polissêmico, o conceito *território* é usualmente definido pelos estudos geográficos como uma área do espaço delimitada por fronteiras a partir de uma relação de poder. Entretanto, a antropóloga Emília Pietrafesa enfatiza que “território não diz respeito somente à materialidade do espaço, pois não há território exterior a relações sociais” (2014, p. 444) e que ele “toma forma não só por meio da inscrição no espaço físico, mas nas narrativas, pois ele também é organizado discursivamente” (2014, p.44).

Tecida pelos saberes ancestrais, Dona Toinha nos ensina que “Espaço e território é tudo aquilo que a gente precisa vivenciar” (MACHADO, 2019, p. 185), são tessiduras da ancestralidade que precisam de fortalecimento. Dessa forma, Adilbênia Machado sugere que podemos definir território como “o lugar que habitamos, onde somos, onde tecemos nossos saberes, nossas experiências para construir um lugar melhor para se viver. Onde se constrói a territorialidade de um povo” (2019, p. 185).

O conceito de territorialidade “é plural, uma vez que se reporta, como propomos, a processos de construção de territórios, isto é, da apropriação, controle, usos e atribuições de significados sobre uma parcela do espaço, que é transformada em território” (PIETRAFESA, 2014, p. 444). Ou seja, o território só é possível quando ele é palco da história humana, de processos sociais e políticos.

Stuart Hall (2003, p. 26) afirma que mantemos uma espécie de “elo umbilical” com nosso lugar de origem. E mesmo que, por algum motivo, tenhamos que ir embora, algo mais forte nos fará querer retornar e reviver ao menos as lembranças deixadas ali. Pois os lugares permanecem fixos; é neles que temos “raízes” (HALL, 2006, p. 72). Esse sentimento de pertencimento é fruto dos laços sociais que desenvolvemos naquele lugar pois, assim como discorre Alex Ratts:

o território não se reduz à terra ocupada, mas abrange também o espaço apropriado pelo grupo. Inclui um repertório de lugares de importância simbólica, [...] onde residiram antepassados, porções de terras perdidas [...]: lugares que são acessados por meio de viagens, notícias, lembranças, saudades. (2015, p. 113).

O pensador Hampaté Bâ nos diz que, mesmo inconscientemente, pertencemos a um grupo, isto é, a uma comunidade, pois:

[...] a pessoa está ligada a seus semelhantes. Não a concebemos isolada, independente. Da mesma maneira que a vida é unidade, a comunidade humana

é una e interdependente. As relações humanas, codificadas, fizeram nascer um protocolo, um saber-viver, e geraram uma civilização social cujas regras são transmitidas de boca a boca e tomam corpo no teste da própria vida, a pessoa humana não é cortada a partir do mundo natural que a rodeia e com o qual mantém relações de dependência e equilíbrio. (1981, p. 08)

Uma comunidade consiste em um grupo de pessoas que compartilham algo em comum, como uma história, um objetivo, um território ou práticas. Como Vanda Machado ensina, é “um espaço vivo e estimulado para aprender com todos os acontecimentos. A aprendizagem inclui atos celebrativos que estimulam e agregam tudo que dá vida a vida comunitária” (2013, p. 56). Esse coletivo agrega valores, vivências, laços, sabedorias e ancestralidades. Segundo a pensadora Sobonfu Somé, a comunidade objetiva:

[...] assegurar que cada membro seja ouvido e consiga contribuir com os dons que trouxe ao mundo, da forma apropriada. Sem essa doação, a comunidade morre. E sem a comunidade, o indivíduo fica sem um espaço para contribuir. A comunidade é uma base na qual as pessoas vão compartilhar seus dons e recebem as dádivas dos outros. (SOMÉ, 2003, p. 35)

Sarriera, Moura Jr., Ximenes e Rodrigues (2016) afirmam que o sentido ou senso de comunidade é um conceito sociopsicológico que se refere ao sentimento de pertença a uma rede de relacionamento de suporte mútuo. Segundo eles:

O sentido de comunidade pode ser entendido como a própria representação de comunidade. Ou seja, deve ser entendido como englobando os aspectos físicos, territoriais e simbólicos constituintes de uma comunidade. Há uma rede de crenças, comportamentos e sentidos específicos em cada comunidade constituindo de um universo simbólico local específico. (p. 107)

O adjetivo rural significa relativo ou próprio do campo. Portanto, dá-se o nome comunidade rural ao povo que se desenvolve e vive no campo, afastados do perímetro urbano. Silva e Hespanhol (2016) afirmam que essas localidades são fundamentadas nas relações de parentesco, amizade e vizinhança, logo, as pessoas que ali residem partilham os mesmos eventos, tradições e costumes.

Nas áreas rurais a fonte de renda predominante advém, principalmente, da agropecuária e os serviços públicos limitam-se ao mínimo indispensável. Essa realidade se torna mais agravante nos estados que compõem o Semiárido Brasileiro, por conta dos longos períodos de estiagem e da dificuldade de acesso a algumas comunidades que, na maioria das vezes, são esquecidas pelo poder público. Por isso, segundo Caldas e Sampaio (2015, p. 90), “[...] quase metade da população rural nordestina é pobre (48,27%), de acordo com a linha de pobreza

estabelecida pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), enquanto 31,02% na zona urbana estão na mesma situação.”

O Semiárido Brasileiro concentra, atualmente, a maior parcela da população em situação de pobreza e de pobreza extrema. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), conforme citado por César (2020), a Região Nordeste possui quase metade de toda a pobreza no Brasil. A região concentra um valor proporcional de 47,9% de pessoas que vivem em situação de pobreza, seguida, também com índice alto, pela Região Norte com 26,1%. De acordo com o estudo, isso se dá por conta da alta densidade demográfica no território nordestino. Como base de análise, pode-se considerar o censo que destaca que, “em 2010, a população do Semiárido Brasileiro era de 21,7 milhões de pessoas (11,4% da brasileira), com densidade demográfica de 24,2 hab./km² e uma população rural de 13,5 milhões de pessoas, taxa de urbanização de 62%.”

Buainaim e Garcia (2013) definem pobreza como

[...] um problema social determinado por fatores relacionados ao ambiente sociopolítico e estruturais que envolvem e marcam os indivíduos, e que precisa ser enfrentado por políticas que promovam mudanças estruturais no ambiente e que capacitem os indivíduos com os ativos que a pobreza lhe retirou ou não permitiu acumular. (p.17)

Ximenes, Moura Jr., Cruz, Silva e Sarriera (2016, p.148) ressaltam que “há um pensamento social que restringe a pobreza à renda, principalmente, no território brasileiro marcado por um histórico de alta desigualdade social”. Ao discutir sobre o contexto de pobreza nas comunidades rurais do nordeste brasileiro, Ximenes, Esmeraldo Filho, Xavier e Monteiro (2020, p. 103) afirmam que “a concepção de pobreza vai além da questão monetária” pois “a pobreza é um fenômeno complexo, com múltiplas facetas, que está presente em diferentes contextos, desde as áreas rurais que historicamente sofrem com as privações em diferentes aspectos até as grandes metrópoles com suas questões peculiarmente urbanas” (2020, p.103).

Ademais, Ximenes, Moura Jr., Cruz, Silva e Sarriera (2016, p.148) salientam a necessidade de compreensão da pobreza “enquanto privação das capacitações básicas do ser humano constituída por aspectos sociais, culturais, políticos, materiais, monetários, simbólicos e ideológicos”, ou seja, como um contexto multidimensional. Diante disso, a pobreza também é caracterizada pela insuficiência de bem-estar, determinada por variáveis monetárias e não monetárias, como habitação, alfabetização, saneamento, trabalho/renda, expectativa de vida etc.

Com base em seus estudos sobre a pobreza no nordeste brasileiro, dando ênfase ao contexto multidimensional, Caldas e Sampaio (2015) concluíram que

[...] a região Nordeste apresenta um dos maiores percentuais de domicílios sem acesso aos itens de habitação e consumo comparada às demais regiões do país, e é a pior em termos absolutos. Na dimensão de habitação, o item mais escasso em todas as macrorregiões é a água canalizada, enquanto na dimensão de consumo, geladeira é o que mais falta nos domicílios brasileiros. Constatase ainda que, quando utilizado apenas o critério de renda, há muitos domicílios abaixo da linha de pobreza, mas que não apresentam carência nas demais dimensões analisadas. (p. 74)

Além disso, de acordo com Buainaim e Garcia, “a taxa de analfabetismo das pessoas de 10 anos ou mais de idade no Brasil é de 9,02% (área urbana 6,84% e rural 21,25%), enquanto na Região Nordeste é de 17,65% (área urbana 13,34% e rural 29,78%).” (2013, p.08) e cerca de 80% das famílias sem acesso ao serviço de energia elétrica estão no meio rural. O baixo desenvolvimento e a pobreza abrangente são confirmados pelo número de famílias cadastradas no Cadastro Único (CadÚnico) para receber o Auxílio Brasil (antigo Bolsa Família) e no Programa Garantia-Safra (GS) que contempla agricultores que enfrentam condições climáticas e riscos especiais. Diante do exposto, podemos perceber que o contexto rural é marcado pela pobreza de caráter estrutural, ou seja, com o perfil mais crônico que nas áreas urbanas.

O conceito de ruralidade, que deriva de rural, faz referência ao conjunto dos fenômenos sociais que se desenvolvem em um meio rural e que permitem construir a identidade. Para melhor compreendê-lo, Rosa Medeiros (2017) sublinha que

A ruralidade pode ser entendida como um modo de vida, como uma sociabilidade que é pertinente ao mundo rural, com relações internas específicas e diversas do modo de viver urbano. A ruralidade sugere uma gama considerável de imagens quando é pensada, quando é discutida. Ruralidade é uma construção social contextualizada, com uma natureza reflexiva, ou seja, ela é o resultado de ações dos sujeitos que internalizam e externalizam através dessas ações a sua condição sociocultural presente que é reflexo da condição herdada de seus antepassados. Nesta ruralidade está expressa a capacidade destes sujeitos de se adaptarem às novas condições resultantes das influências externas. (p. 182)

Diante disso, Moura Jr., Barbosa, Martins e Bomfim (2019, p. 142) ressaltam que “o espaço rural é um contexto diverso, composto por especificidades a nível cultural, relacional e social”, desse modo, a ruralidade deve ser entendida como um conceito de “natureza territorial e não setorial” (2019, p. 142).

As comunidades constituem um meio multifacetado e repleto de diversidade. Isso se dá, pois todas as localidades rurais possuem singularidades na dinâmica social interna, deste modo, podemos compreender a população rural como “uma rede interacional dinâmica e diversa. Ela

é diretamente influenciada pelas especificidades do meio onde está imersa.” (Moura Jr.; Barbosa; Martins; Bomfim, 2019, p. 142). Portanto,

[...] as vivências e identidades dos povos do campo devem ser consideradas como formas plurais de existências, a partir da forma como cada uma dessas populações lida com o seu território, com suas práticas produtivas e com sua comunidade (2019, p. 142).

De acordo com Ximenes e Moura Jr. (2013, p. 03),

[...] os moradores dessas comunidades geralmente constroem vínculos afetivos consolidados entre seus familiares e seus vizinhos. [...] apesar da distância física entre as casas em alguns contextos rurais, os moradores das comunidades rurais possuem uma maior vinculação afetiva entre si. Há, geralmente, o reconhecimento face a face dos integrantes da comunidade rural. Esse aspecto ocorre de forma menos significativa no contexto urbano, pois, em algumas situações, as comunidades urbanas são permeadas por uma grande mobilidade entre distintas áreas da cidade, além de haver incongruências na delimitação espacial da comunidade urbana, dificultando, dessa maneira, a vinculação entre os moradores.

Ademais, Elvas e Moniz (2010) ressaltam que quanto menor a localidade maior será o sentimento de pertencimento presente naquele povo. Isso ocorre porque, em um território com dimensões reduzidas, as relações sociais possuem maior qualidade. Segundo as autoras, a mobilização dos moradores também contribui significativamente para o aumento do sentimento de comunidade que pode revelar-se de várias formas, dentre elas: através da participação comunitária ativa. Moura Jr., Cardoso, Rodrigues, Vasconcelos e Ximenes (2013) reiteram que as atividades promovidas por meio da cooperação dos membros da comunidade contribuem para a construção de uma vida comunitária e, conseqüentemente, para a formação da identidade cultural daquele povo.

Alex Ratts (2009) afirma que a identidade não é algo unificado e um povo não pode ser caracterizado por uma mera “imagem congelada”. Uma pessoa possui identidades múltiplas, pois, no decorrer da sua travessia de vida, acumula trocas, vivências, aprendizagens, histórias, passa por processos de construção e desconstrução, se moldam e remoldam. Logo “somos uma multiplicidade dentro de nós, estamos em processos constantes de mudanças (MACHADO, 2019, p.103). Ao discorrer sobre a noção de pessoa, Hampaté Bâ (1981, p. 03) estabeleceu que:

[...] o ser humano não é uma unidade monolítica, limitada ao seu corpo físico, mas sim um ser complexo habitado por uma multiplicidade em movimento permanente. Ele não se trata, portanto, de um ser estático, ou concluído. A pessoa humana, como a semente, evolui a partir de um capital primeiro, que é seu próprio potencial e que vai se desenvolvendo ao longo da fase ascendente de sua vida, em função do terreno e das circunstâncias encontradas. As forças

liberadas por estas potencialidades estão em perpétuo movimento, assim como o próprio cosmos.

Entendemos cultura como processo de construção onde estão inseridas as visões de mundo, os estilos, as histórias, as expressões e os símbolos usados por um grupo, ou seja, seus conceitos e conhecimentos que são transmitidos. O antropólogo Alex Ratts (2009) também discorre sobre a mistura do antigo com o atual, algo que ele denomina “adaptações na cultura”. Portanto, podemos perceber que, assim como as identidades, a cultura também é mutável, ou seja, se adapta e se modifica de acordo com o meio, o tempo, os indivíduos, as inovações etc.

A identidade cultural corresponde aos “aspectos de nossas identidades que surgem de nosso “pertencimento” as culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (HALL, 2006, p. 08). Ela estabelece uma espécie de comunhão de valores entre os membros de uma sociedade. É um processo dinâmico, um conjunto vivo de relações sociais, que se nutre – no tempo e no espaço – de variadas fontes. O sociólogo Stuart Hall afirma que todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólico:

Suas “paisagens” características, seu senso de “lugar”, de “casa/lar” ou heimat, bem como suas localizações no tempo – nas tradições inventadas que ligam passado e presente, em mitos de origem que projetam o presente de volta ao passado, em narrativas de nação que conectam o indivíduo a eventos históricos nacionais mais amplos, mais importantes. (2006, p. 71-72)

A tradição é a transmissão de costumes, comportamentos, memórias, rumores, crenças, lendas, para pessoas de uma comunidade, sendo que os elementos transmitidos passam a fazer parte da cultura. É nesse sentido que a educadora e historiadora Vanda Machado (2013, p. 55) nos diz que “os rituais, presentes na comunidade, sintetizam movimentos importantes de todos os tempos que constroem as pessoas e a comunidade”. Cada manifestação tem suas características e significados, seja elas: o carnaval, o maracatu, as festas juninas, a festa do santo padroeiro etc. Todas elas, cada uma com suas singularidades, cumprem a função simbólica de reforçar vínculos e preservar identidades. Pois nossos territórios “são tessiduras da ancestralidade e precisam de fortalecimento” (MACHADO, 2019, p. 185)

Os eventos ritualísticos vivenciados em comunidade fazem parte de nós, do nosso mundo, contam nossa história... “Sendo assim, nos parece impossível a desconexão entre corpos, a festa, ancestralidade, pessoas, história, a memória, a cultura e a ação que se permite emergir num contexto de muitas lógicas e muitos significados” (MACHADO, 2013, p. 45). As manifestações simbólicas culturais existentes na comunidade materializam os emblemas e os signos da identidade dos sujeitos que nela vivem, constituídos pela família, a igreja e o

território. Portanto, podemos “considerar o ser na comunidade incluindo seus gozos e conflitos tem um significado. Afinal, o mundo e a comunidade somos nós. Para compreender o mundo é preciso compreender a nós mesmos e nossas vivências individuais e coletivas” (MACHADO, 2013, p. 49).

Ao discorrer sobre sua história e a busca de seus “eus” ancestrais, Rebeca Meijer (2015) enfatiza a noção de enraizamento tanto com seu território quanto com os seus semelhantes. Este “elo umbilical” se assemelha a um ímã que nos atrai para o nosso território e nos faz re/encontrar nossa ancestralidade. Rebeca Meijer afirma acreditar que “para entendermos sobre árvores e seus enraizamentos, precisamos acompanhar o brotar de suas sementes” (2015, p. 68).

A ilustríssima escritora brasileira Conceição Evaristo ressalta a necessidade e o encantamento de escrever sobre nós, isto é, de expressar por meio da escrita nossas vivências e significados. Escrever é resistência, é se fazer ouvir, é ocupar espaços que, segundo o sistema, não são considerados nossos. Escrevivência é transmitir a história de nós mesmos, do nosso lugar e utilizar-se da prática e das experiências para cultivar o sentimento de pertencimento nas futuras gerações. A autora continua:

A Escrevivência pode ser como se o sujeito da escrita estivesse escrevendo a si próprio, sendo ele a realidade ficcional, a própria inventiva de sua escrita e muitas vezes o é. Mas, ao escrever sobre si, colhe vidas, histórias do entorno. E por isso é uma escrita que não se esgota em si, mas, aprofunda, amplia, abarca a história de uma coletividade. Não se restringe, pois, a uma escrita de si, a uma pintura de si. (2020, p.35)

Adilbênia Machado discorre que “todo ser humano está munido de conhecimento e é em relação com o que está a sua volta, com a comunidade que o tece e o mundo em que vive (2019, p. 104). Portanto, falar de nós é falar do outro, do nosso entorno, da nossa comunidade e das vivências com o coletivo. A história do outro também tece a nossa história e ambas compõem nossa ancestralidade.

É inegável a importância de *saber de si* e *falar de si*, isto é, conhecer nossas origens, os saberes da comunidade, assim como, praticar, preservar e repassar para as futuras gerações, compreendendo que esse “si” é tecido em comunidade, portanto é coletivo. Cultivar nossas tradições e saberes é semear vínculos, seja com as pessoas e/ou com o próprio território. Ouvir as histórias das mais velhas e dos mais velhos é explorar novos mares e descobrir preciosos tesouros. É conhecer nossa história, nossa ancestralidade.

5. MÉTODOS

Este estudo se baseia em uma estratégia qualitativa de pesquisa, de caráter exploratório, por meio de multimétodos. Segundo Creswell (2014), a pesquisa qualitativa é um conjunto de práticas que transformam o mundo visível em dados representativos, incluindo notas, entrevistas, fotografias, registros e lembretes. Os pesquisadores que optam pela abordagem qualitativa buscam compreender um fenômeno em seu contexto natural. De modo geral, a pesquisa qualitativa pressupõe que o significado dado ao fenômeno é mais importante que sua quantificação pois, como afirma Mirian Goldenberg (2004, p.18), cada fato social “tem um sentido próprio, diferente dos demais, e isso torna necessário que cada caso concreto seja compreendido em sua singularidade”.

Desta forma, esta pesquisa se torna qualitativa pois objetiva analisar a influência dos festejos do santo padroeiro no fortalecimento do sentido de comunidade em Sítio Oiticica, uma localidade rural no interior do Ceará. Ao adotar essa abordagem de pesquisa, torna-se possível a participação ativa dos sujeitos que compõem o campo de estudo, ou seja, dá-se visibilidade às vozes da comunidade. Pois, assim como Uwe Flick (2013) assinala, os participantes, isto é, os moradores da comunidade “[...] estão envolvidos no estudo como indivíduos, sendo deles esperados que contribuam com sua experiência e visões de suas situações particulares de vida.” (p. 24)

A observação participante é uma metodologia de pesquisa qualitativa de campo, na qual o pesquisador vivencia o seu objeto/sujeito de estudo para coletar dados. Com isso, é possível “sentir na pele” a realidade sobre a qual está estudando. Ela se desenvolve a partir da interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas, portanto, é um processo coletivo que busca o envolvimento da comunidade na análise de sua própria realidade. Segundo Michael Angrosino (2009), a pesquisa participante é muito relevante para a ciência porque estuda sujeitos reais e não “sujeitos de pesquisa”, que existem apenas como fornecedores de dados.

Como procedimento de pesquisa utilizou-se a etnografia. Considerada a ciência das etnias, ela se caracteriza pela presença física do pesquisador e observação in loco. Nessa abordagem de investigação científica “a cultura não é vista como um mero reflexo de forças estruturais da sociedade, mas como um sistema de significados mediadores entre as estruturas sociais e as ações e interações humanas” (MATTOS, 2011, p. 50). Ademais, preocupa-se em “introduzir os atores sociais com uma participação ativa e dinâmica” (Idem). Dessa forma, a etnografia busca ir muito além da simples descrição, busca a compreensão dos significados culturais através das falas e comportamentos dos autores envolvidos, descrevendo, assim, os

significados culturais dos grupos estudados. Pois, de nada adianta, apenas, a reprodução do real, temos que buscar a sua compreensão.

Etnografia vem do grego *ethnos* (nação e/ou povo) e *graphein* (escrita), portanto, ela é definida por Carmem Mattos (2011, p. 53) como:

[...] a especialidade da antropologia, que tem por fim o estudo e a descrição dos povos, sua língua, raça, religião, e manifestações materiais de suas atividades, é parte ou disciplina integrante da etnologia, é a forma de descrição da cultura material de um determinado povo.

De acordo com Michael Angrosino (2009, p. 16), “estudar a cultura envolve um exame de comportamentos, costumes e crenças aprendidos e compartilhados em grupos” e “apenas em campo um estudioso poderia encontrar verdadeiramente a dinâmica da experiência humana vivida”. Desta forma, realizou-se uma etnografia com observação participante natural, ou seja, a pesquisadora faz parte da comunidade e compartilha vivências com o coletivo desde a infância.

A autoetnografia é um gênero da etnografia e método de pesquisa qualitativo. De acordo com Santos (2007),

“Autoetnografia” vem do grego: auto (self = “em si mesmo”), ethnos (nação = no sentido de “um povo ou grupo de pertencimento”) e grapho (escrever = “a forma de construção da escrita”). Assim, já na mera pesquisa da sua origem, a palavra nos remete a um tipo de fazer específico por sua forma de proceder, ou seja, refere-se à maneira de construir um relato (“escrever”), sobre um grupo de pertença (“um povo”), a partir de “si mesmo” (da ótica daquele que escreve). (p. 218)

O método adotado neste estudo tem como proposta descrever e analisar sistematicamente a experiência pessoal, a fim de compreender a experiência cultural. A autoetnografia faz parte da proposta de pensamento e prática de decolonialidade, defendida por Catherine Walsh (2013), que implica fazer um entrelaçado a teoria-prática com histórias locais de vida e perspectivas de luta. Ademais,

[...] o que caracteriza a especificidade do método autoetnográfico é o reconhecimento e a inclusão da experiência do sujeito pesquisador tanto na definição do que será pesquisado quanto no desenvolvimento da pesquisa (recursos como memória, autobiografia e histórias de vida, por exemplo) e os fatores relacionais que surgem no decorrer da investigação (a experiência de outros sujeitos, barreiras por existir uma maior ou menor proximidade com o tema escolhido etc.). [...] Tudo isso tem uma conexão direta com o reconhecimento do caráter político e transformador que tal método assume ao “dar voz para quem fala” e em “favor de quem se fala”. (SANTOS, 2007, p. 219)

Desse modo, esta pesquisa se realizou a partir das escrivências da própria pesquisadora, que, além de possuir raízes na comunidade, frequenta o festejo religioso desde a infância e guarda as narrativas de seus mais velhos e de suas mais velhas, que também participam ativamente deste movimento comunitário. Em suma, buscou-se resgatar a história de origem da comunidade rural de Sítio Oiticica por meio da memória; descrever os festejos da padroeira sob a perspectiva dos frequentadores intercalando o passado e o presente; entender a relação entre o festejo, os moradores e o seu território a partir das vivências com o coletivo; apresentar a comunidade como um exemplo de reorganização visando superar a realidade de privação histórica da zona rural e, sobretudo, valorizar e preservar a cultura local.

A presente autoetnografia tem um enorme valor simbólico por envolver memórias e sentimentos. Ela nasceu da singela vontade de saber mais sobre a minha comunidade, se desenvolveu e tomou belíssimas proporções. No alpendre de Tio Bira, aconteceu a primeira conversa, lá absorvi as informações-base que me ajudaram a erguer esta pesquisa. Por fazer parte da comunidade estudada, optei por escrever sobre o meu coletivo a partir da minha ótica e, com isso, também incluir minhas memórias, sentimentos e significados. Adotar essa metodologia me fez mergulhar em um universo de intensa nostalgia e pertencimento. Enfim, poder me incluir na pesquisa foi uma experiência única.

A pandemia foi um obstáculo considerável para a construção deste estudo. Além da dificuldade de (re)encontrar e conversar de forma presencial, os decretos com ações de enfrentamento ao coronavírus não permitiram a realização do festejo, por dois anos consecutivos. Os altos índices de transmissão no município causavam medo e perdas dolorosas, mas o povo não esmoreceu na fé e manteve a tradição. A tecnologia foi uma importante aliada pois permitiu encontros remotos com celebrações em alusão ao dia do santo padroeiro. A ausência da realização, de modo presencial, impediu a real imersão no evento e, conseqüentemente, dificultou a obtenção de registros fotográficos, de relatos e sentimentos em tempo real. Portanto, essa autoetnografia baseou-se em memórias, tanto minhas quanto dos participantes.

Resgatar e registrar a história da minha comunidade, narrada por Tio Bira, foi um misto de sentimentos que não consigo descrever. Poder ouvi-lo e reviver na imaginação cada cena foi um privilégio extraordinário. Desejo compartilhar essa experiência maravilhosa e espero que muitas pessoas tenham acesso e conheçam a história do meu lugar, principalmente, os outros moradores. Gostaria de ressaltar que não existem registros escritos e/ou documentos que narram a origem da comunidade rural de Sítio Oiticica. Essa história e outros relatos importantes compõem a biblioteca oral do meu coletivo que precisa ser conhecida, preservada e repassada.

Me senti muito acolhida pelo meu povo. Minha maior facilidade ao pesquisar foi justamente acessar as pessoas, suas memórias, sentimentos e relatos. Eles me ouviam e queriam me ajudar, queriam falar o que sabiam. Consegui fotografias e indicações de com quem deveria conversar. Fui recebida de braços abertos por todos. Portanto, costumo dizer que essa autoetnografia não foi escrita somente por mim, mas por todos e todas que me ajudaram e me acolheram. Isso é essencial para que possamos entender que as nossas vivências compõem a história do nosso território e o viver em comunidade tece a nossa história. Sou muito feliz e grata por cada palavra de incentivo, por cada conversa, por abrirem seus corações e partilharem seus sentimentos, memórias de infância e um pouquinho de suas vidas comigo.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sítio Oiticica é uma comunidade rural relativamente pequena, por isso aqui todas as pessoas se conhecem por nome, apelido e/ou filiação. Isso ocorre pois, segundo Ximenes e Moura Jr. (2013), a menor dimensão territorial permite uma maior vinculação afetiva. Ademais, de acordo com Elvas e Moniz (2010) essa característica permite um maior sentido de comunidade pois os laços sociais construídos pelos moradores possuem maior qualidade. Sinto um grande carinho pelo meu lugar, admiro os modos de vida e jeitos de cada morador e moradora. Minha comunidade é um território em desenvolvimento, somos reconhecidos pela união e solidariedade comunitária tanto com os nossos como com as localidades vizinhas.

Figura 1 - SÍTIO OITICICA (VISTA DE CIMA)



Fonte: Autoria própria

6.1. Conhecendo as raízes de Sítio Oiticica

Sempre tive a curiosidade de conhecer a história da minha comunidade, como se desenvolveu, o significado de seu nome, entre outras coisas, mas pouco consegui descobrir questionando os meus pais. Então, por volta de 2016, durante um trabalho de escola tive a oportunidade de conversar sobre minhas inquietações com o Sr. Ubirajara, que chamo carinhosamente de Tio Bira. Ele é um homem muito sábio, querido e respeitado por todos, é conhecedor de muitas pessoas e histórias e já foi ministro da eucaristia da nossa capela.

Durante nossa manhã de conversas, Tio Bira me contou que nossa comunidade ganhou o nome “Oiticica” devido a grande quantidade de pés de oiticica que havia nessa região, inclusive ele preserva em seu quintal essa belíssima árvore que, de certa forma, simboliza a nossa ancestralidade. Infelizmente, por conta do desmatamento para o plantio, criação de gado e construções de casas, encontrar um pé de oiticica em nossa comunidade atualmente é algo raro.

Figura 2 – ÁRVORE OITICICA



Fonte: Autoria própria

Recordo-me também e guardo com muito carinho sua narrativa sobre a história de origem de nossa comunidade. Segundo ele, Sítio Oiticica foi fundada no início do século XX por um pecuarista chamado Francisco Alves Barbosa, ou Seu Chico Alves como era conhecido, ele teria comprado um terreno na localidade com uma premiação da loteria da caixa. Chico Alves trouxe famílias do sertão, dando a elas moradia e terras para plantar. Essas pessoas fugiam da seca, da extrema pobreza e almejavam condições de vida melhor aqui na Serra de Pacoti. Após falecer, seu filho Francisco Sampaio Barbosa, o Seu Babu, assumiu seus afazeres e, além da pecuária, se dedicou ao cultivo de banana.

Figura 3 – FRANCISCO SAMPAIO BARBOSA (SEU BABU)



Fonte: Arquivo pessoal

Enquanto Seu Babu prosperava, comprando terras e gado, a comunidade crescia. As pessoas vendiam sua força de trabalho e com o capital adquirido sobreviviam, isso atraiu mais trabalhadores e despertou o interesse de outros proprietários de terras da região. Naquela época, as famílias que viviam no povoado Oiticica passavam por muitas dificuldades, principalmente, pela falta de alimento e moradia precária. Elas moravam em casas de taipa, ou seja, feitas de barro, pau-a-pique e cobertas com palhas de coqueiro.

Lembro que Tio Bira falou sobre a chegada de um padre alemão chamado Kiliano Mitnacht, ele era pároco da região na época e celebrava missas em nossa comunidade debaixo de uma mangueira. Quando Kiliano soube das inúmeras propriedades que Seu Babu possuía, decidiu ir conhecê-lo e lhe propor um acordo. Para saber mais sobre essa parceria, também conversei com o filho de Seu Babu que se emocionou muito ao recordar sua infância e as histórias que adorava escutar. Ele me contou que seu pai era um homem “um pouco bruto” e que quando Padre Kiliano pediu a doação de terras para a construção de casas para as famílias, de uma capela e de um grupo escolar, de início, ele negou, mas o padre insistiu e conseguiu convencê-lo.

Figura 4 – PADRE KILIANO MITNACH



Fonte: Arquivo pessoal

Segundo Tio Bira, a igreja e o prédio da escola foram construídos em mutirão, com o apoio de uma associação alemã, por volta de 1978. Como a maioria da população professava a fé católica, as famílias começaram a construir suas casas nas proximidades da capela, isto é, “nas terras da igreja”. Portanto, eu compreendo que tais construções representam um marco para o desenvolvimento da comunidade rural de Sítio Oiticica pois, a partir de então, começaram os movimentos comunitários, a interação com localidades vizinhas, a disponibilidade de um ensino formal, entre outros.

Figura 5 - PADRE KILIANO CELEBRANDO UMA MISSA NA CAPELA DE SÍTIO OITICICA



Fonte: Arquivo pessoal

Não tive oportunidade de conviver com Seu Babu pois ele não era próximo da minha família e faleceu quando eu ainda era criança. Entretanto, é comum ouvir de meus mais velhos e de minhas mais velhas narrativas sobre ele. Ademais, gostaria de ressaltar que Seu Babu também era poeta e, por não ter frequentado a escola, se denominava “Poeta Bicho do Mato”. Ele utilizava as paredes de sua casa e escrevia “ao seu modo” sobre a jornada de trabalho na roça, as dificuldades da época, as alegrias quando chovia e, até mesmo, fazia reclamações aos políticos sobre as condições precárias das estradas, que sempre foi uma realidade da zona rural. Recito, a seguir, uma poesia que Tio Bira recordou:

*“Meu sertão de seriema, sertão queimado do sol
Que não conhece cinema, teatro e nem futebol
Sertão de doença e fome
Aonde o pobre mal assina o nome
Nervoso tremendo a mão
Para enganado e inocente
Dá um voto inconsciente
Quando é tempo de eleição”*

Infelizmente, a casa onde o nosso Poeta Bicho do Mato viveu foi consumida pelo tempo juntamente com as produções de sua autoria. Nossa comunidade não possui registros escritos que declamem sua história ou as poesias de Seu Babu, mas elas estão preservadas na memória de quem viveu ou ouviu tais relatos.

6.2. Uma comunidade rural com potencialidades e privações

Atualmente, a comunidade rural de Sítio Oiticica dispõe de posto de saúde e consultório odontológico, com atendimento pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e, recentemente, inauguramos o prédio da associação comunitária (ACO) que, em homenagem a primeira professora da comunidade, recebeu o nome Maria Estela Jacinto de Barros. A maioria da população, assim como eu e meus irmãos, frequenta ou frequentou a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Francisco Alves Barbosa (FAB) e a Creche e Pré-Escola Padre Quiliano. Ela atende mais de 200 crianças, sendo os estudantes também oriundos de outras 6 localidades vizinhas, transportados em ônibus escolar. A escola homenageia os fundadores da

comunidade e funciona no mesmo prédio construído em mutirão, mas, com o tempo, ganhou novas salas e um anexo que atende a educação infantil. Porém, para cursar o ensino médio, os estudantes têm de se deslocar, diariamente, até Pacoti (14 km) ou até Palmácia (22km), para cursar o ensino profissionalizante.

Figura 6 - EMEIF: FRANCISCO ALVES BARBOSA



Fonte: Autoria própria

Figura 7 - CRECHE E PRÉ-ESCOLA PADRE QUILIANO



Fonte: Autoria própria

Estudei na FAB de 2006 a 2015 e percebi que nunca houve o repasse da história local por parte dos professores e/ou da própria escola. Porém, conversando com a coordenadora

pedagógica descobri que, atualmente, os professores buscam abordar a temática em sala de aula e, além da história de origem da comunidade, o currículo também contempla a história do município. Considero essa mudança positiva e muito relevante pois, mesmo que não haja o aprofundamento do assunto, trazer essas narrativas para o solo da escola desperta o interesse dos mais novos e das mais novas em conhecer suas próprias raízes. Essa metodologia contempla a tese de Conceição Evaristo (2020) que enfatiza a importância de saber de si e de falar de si e, principalmente, de entender que a história do coletivo tece a nossa história.

Por se localizar na zona rural, a localidade não dispõe de muitas oportunidades de estudo e/ou de emprego. Diante disso, muitos jovens decidem se mudar para Fortaleza em busca de melhores condições de vida. Já outros se dedicam aos estudos visando a aprovação no vestibular para cursar o ensino superior em Quixadá (88 km) ou Redenção (46 km). Mesmo que seja difícil por conta da distância, suas únicas opções ao decidir continuar morando em Oiticica será trabalhar na roça, como doméstica ou como funcionário público na Prefeitura Municipal de Pacoti.

Meu sonho sempre foi cursar uma faculdade e meus pais me incentivavam muito a realizá-lo. Como não tínhamos condições de pagar as mensalidades, me dediquei ao ENEM e grande foi a nossa alegria quando, em 2019, ingressei na UNILAB pelo SISU. Me mudar para Redenção foi muito difícil, mas com o apoio da minha família e a ajuda do auxílio de permanência estudantil consegui me instalar na cidade. Entretanto, esse destino não contempla a maioria das/os jovens moradores de Sítio Oiticica.

Como a maior parte das famílias sobrevivem somente da agricultura, os pais desde muito cedo levam seus filhos, principalmente os meninos, para a roça com o intuito de lhes ensinar o ofício. Esses jovens começam a perder o interesse pelos estudos e, visando apenas o financeiro, não almejam um futuro acadêmico e/ou profissional. Cursam somente o ensino fundamental por ser ofertado na própria comunidade e quando adultos se arrependem por não ter aproveitado as oportunidades. Além disso, a falta de incentivo e de condição financeira também se mostram fortes motivos para a não qualificação desses jovens.

As primeiras famílias que residiam em Sítio Oiticica viviam em situação de extrema pobreza e passavam por muitas dificuldades. Considero minha comunidade um exemplo de reorganização pois, atualmente, ela é muito próspera e seus habitantes dispõem de boa qualidade de vida. Porém, de acordo com Ximenes, Esmeraldo Filho, Xavier e Monteiro (2020), assim como várias outras comunidades rurais do nordeste cearense, ela é acometida pela pobreza no sentido de privação histórica. A condição precária das estradas lidera o ranking de descaso, os enormes buracos no calçamento prejudicam a locomoção e causam danos aos

proprietários de veículos, inclusive, ao próprio ônibus escolar. O atendimento no posto de saúde ocorre por quinzena e a falta de medicamentos é uma realidade do município. A quadra da comunidade não possui arquibancada e sua cobertura é uma promessa política que se estende por muitos anos. A política na minha região é marcada pelo conhecido “voto de cabresto”, entretanto, é comum a mobilização das/os moradores para reivindicar direitos e melhorias. Muitas vezes, isso se dá com o apoio da Associação Comunitária.

6.3. Os festejos da padroeira e a construção da religiosidade

Na comunidade de Sítio Oiticica também possui uma singela capelinha cuja santa padroeira é Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Ela funciona no mesmo prédio construído em 1978 e homenageia este título de Maria devido a primeira imagem de santo que recebeu. Segundo o coordenador da igreja, a capela ganhou essa imagem de Dona Chica, catequista da região na época. Ela era muito devota de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e guardava a santa, com muito carinho, em um altar belíssimo na sua própria casa. Quando a igreja foi construída, Dona Chica, de muito bom grado, doou a imagem para a capela e, desde então, a localidade é dedicada à Virgem da Paixão.

Figura 8 - CAPELA NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO



Fonte: Autoria própria

Alicerçados na fé católica, nós moradores organizamos vários movimentos religiosos tradicionais, sendo eles: a coroação de Maria no mês de maio, os terços em domicílio no mês

de novembro, a celebração de finados, a Via Sacra, o novenário de Natal e de Santa Luzia, a celebração eucarística aos domingos e a Santa Missa mensal. Destaco, a seguir, registros fotográficos de alguns destes eventos:

Figura 9 - COROAÇÃO DE NOSSA SENHORA



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 10 - MISSA MENSAL



Fonte: Autoria própria

Figura 11 - CELEBRAÇÃO DO BATISMO



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 12 - VIA SACRA



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 13 - NOVENA MÊS DE MAIO



Fonte: Autoria própria

Minha comunidade também celebra, anualmente, no dia 27 de junho, a festa de sua padroeira. Frequento os festejos de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro desde a infância e admito que esse movimento sempre me encantou. Na minha perspectiva, esse ritual reflete não só a devoção dos moradores à Maria, mãe de Jesus, mas também a união da comunidade e o sentimento de pertencimento.

No primeiro dia de festa, nos reunimos em frente à capela e, ao som de louvores e palmas, a bandeira estampada com a imagem de Nossa Senhora é hasteada simbolizando o início dos festejos. Durante o novenário, comunidades vizinhas são convidadas para ministrar as orações e festejar junto. Lembro dos “paus de arara” chegando com os fiéis, a igreja sempre lotava e cada noite era mais animada do que a outra. As celebrações eram divididas em “parte religiosa” e “parte social” e sempre traziam alegria, paz e aconchego para os corações dos participantes.

Figura 14 - PARTE RELIGIOSA DO FESTEJO



Fonte: Arquivo pessoal

Após cada novena, os próprios moradores organizam barraquinhas com comidas típicas e bingos, com prendas doadas, em prol da capela. Mas para que tudo saia como planejado é necessário a participação ativa das/os moradoras/es. Primeiramente, a comunidade é dividida em setores (Oiticica de cima, Oiticica do meio e Oiticica de baixo) e um morador (ou moradora), de cada setor, será responsável por arrecadar as doações e gerenciar a barraquinha na sua referida noite. Esse método desperta um sentimento saudável de competição, pois as famílias de cada setor se esforçam ao máximo para que as barraquinhas sejam bem-sucedidas.

Figura 15 - PARTE SOCIAL DO FESTEJO, EM 2019



Fonte: Arquivo pessoal

Entretanto, é importante ressaltar que o real significado do festejo nunca é esquecido e que, ao final do movimento, a experiência com o coletivo e as novas amizades são o maior prêmio. Ademais, cada setor possui suas especificidades, receitas e temperos deliciosos que dão um toque especial ao novenário. Inclusive essa mobilização, é alvo de vários elogios pois os próprios moradores doam, preparam e consomem os alimentos vendidos ali. Ou seja, os festejos de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro são totalmente financiados pela população por meio de doações. Ademais, de acordo com Moura Jr., Cardoso, Rodrigues, Vasconcelos e Ximenes (2013), esse tipo de mobilização contribui para o aumento do sentimento de comunidade pois reforça os laços tanto entre os moradores quanto com o próprio território.

Essa tradição religiosa já perdura por diversas gerações e, com o passar do tempo, ocorreu o que Alex Ratts (2009) denomina “inovação e adaptação da cultura”. Já ouvi vários

relatos de meus mais velhos e de minhas mais velhas sobre suas vivências durante o movimento religioso e suas narrativas sempre reafirmam a necessidade de preservação da nossa cultura. Ouvi-los falar sobre o passado e vivenciar o festejo no presente me instiga a fazer comparações e, até mesmo, construir uma linha do tempo ressaltando suas modificações.

A radiadora no telhado da igreja, por exemplo, era uma característica da festa que foi adaptada com os passar dos anos. Recordo que minha professora do fundamental sempre contava suas histórias de infância e as experiências de festejo sempre estavam incluídas. Certa vez, ela disse para minha turma que a radiadora era um instrumento de comunicação utilizado para dar informações, mandar recados, saudações, oferecer músicas e até mesmo como meio facilitador de flerte entre os jovens. Inclusive, muitos casais de nossa comunidade teriam se formado com a ajuda dos versinhos declamados pelo locutor.

Meus avós e meus pais sempre ressaltam que o melhor da “parte social” eram as serestas. Após as orações, todos se reuniam no pátio da escola para dançar um animado arrasta pé ao som da radiola. Aproveitavam também, para conversar e fazer amizades, com isso, todos os moradores se conheciam “por nome”, algo que não acontece nos grandes centros urbanos. Atualmente, são usadas as caixas de som da própria igreja ou de carros, bandas etc., mas infelizmente esses meios não proporcionam a mesma interação. Acredito que isso aconteça porque a internet possibilita uma maior facilidade de comunicação, ademais, as danças e as músicas que os chamados “paredões” tocam não agradam muito as pessoas mais velhas. Inclusive, meu pai sempre diz que bom mesmo era no passado.

Outrora, minha avó paterna que mora em Sítio Pilões, uma comunidade vizinha, relatou que sempre se deslocava para Oiticica pois adorava participar dos festejos. Ela trabalhava como merendeira na escola e, sempre que possível, ajudava na barraquinha. Naquela época as famílias eram compostas por vários filhos, meus avós, por exemplo, tiveram sete filhas mulheres e meu pai, o único homem. Minha tia falou que eles desciam pelas “veredas” e faziam a maior festa, brincavam e aproveitavam muito. Segundo ela, a festa sempre foi muita animada, “sempre vinha muita gente de fora. Nós lá de casa nunca perdíamos!”.

O encerramento da festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é marcado pelo arriamento da bandeira e pela Santa Missa, celebrada na própria capela de Sítio Oiticica. Após as orações, ocorre a tradicional seresta e leilões beneficentes. Neste último dia, é comum a presença de representantes políticos da região, principalmente, em anos de disputa eleitoral. Considero uma dádiva a permanência da realização dos festejos da padroeira na minha comunidade. Pois preservar essa tradição significa manter viva nossa ancestralidade, redescobrir valores e experiências, semear nossa cultura nas futuras gerações. É motivante saber

que mesmo cansados de seus trabalhos diários, as/os moradoras/es sempre estão dispostos a ajudar e fazem a festa acontecer da melhor forma possível. Na minha concepção, isso acontece porque as pessoas, desde a infância, viam seus pais, avós e amigos fazendo o mesmo. Portanto, ajudar na realização dos festejos tornou-se um misto de missão, amor e devoção.

6.4. O sentido de comunidade a partir da festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

É de suma importância ressaltar que, além das pessoas que residem em Sítio Oiticica e em localidades vizinhas, os festejos também recebem ex-moradores que, atualmente, migram ou já moram em outras cidades. Inclusive, um amigo da minha família, que reside em Fortaleza, sempre se planeja para participar dos festejos da padroeira porque, como ele mesmo nos diz: “Sinto necessidade de vim!” (sic).

Eu também gosto muito de participar dos festejos da minha comunidade. Na infância meus pais sempre me levavam e me sentia mal quando não conseguia ir. Sempre achei o evento muito bonito, ele transmite uma energia positiva, de família/casa. Quando me mudei para Redenção não conseguia participar de alguns movimentos da comunidade, mas grande era minha alegria quando conseguia retornar e vivenciar aqueles momentos com meu coletivo. Com a chegada da pandemia de Covid-19 voltei para a casa dos meus pais, mas as celebrações estavam proibidas por conta do alto índice de contaminação. Inclusive, lembro que em 2020 e 2021 realizamos, de forma virtual, uma celebração em alusão aos festejos. Vivenciá-lo, mesmo que de forma remota, significou um abraço coletivo de acalento em tempos tão tempestuosos.

Esse enraizamento funciona, de acordo com Rebeca Meijer (2015), como um imã que nos atrai ao nosso território. Dessa forma, posso afirmar que a festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é utilizada como um “pretexto”, isto é, como justificativa para o regresso à nossa comunidade. Pois ela proporciona tanto um re/encontro com a família, os amigos e/ou conhecidos como com nosso “eu” do passado. Essa “necessidade”, mencionada pelo nosso amigo ocorre, segundo Stuart Hall (2003), devido ao “elo umbilical” com seu lugar de origem. O senso ou sentido de comunidade, conforme afirma Sarriera, Moura Jr., Ximenes e Rodrigues (2016), refere-se ao sentimento de pertença. Ele é construído, principalmente, a partir dos laços construídos ali. Ele desperta o desejo de regresso a esse local pois, assim como o cordão umbilical liga o bebê à mãe durante a gestação, também mantemos um elo com o lugar onde edificamos nossa identidade.

Diante disso, eu compreendo a festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro como um dos principais “pontos de encontro”, não só dos atuais moradores da comunidade, sejam

elas/eles católicos ou não, mas também dessas pessoas que migram ou já moram em outras cidades. Portanto, eu, como moradora da comunidade rural de Sítio Oiticica, reconheço que o festejo da padroeira fortalece o elo com nosso território pois, em concordância com Adilbênia Machado (2019), ele cumpre a função simbólica de reforçar vínculos e preservar identidades.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho pretendeu conhecer os Festejos de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, realizados na comunidade rural de Sítio Oiticica, buscando ressaltar a importância da valorização e da preservação dessa e de outras tradições ancestrais. Considerando que, além de preservar identidades, esses movimentos fortalecem o sentido de comunidade. A partir da autoetnografia foi possível resgatar memórias, narrativas e experiências com o coletivo que possuem valores simbólicos inestimáveis.

Para se compreender a influência dos festejos da padroeira no fortalecimento do sentido de comunidade, definiram-se três objetivos específicos. O primeiro visava conhecer as raízes da comunidade rural e ressaltar que a história do coletivo também compõe a nossa história. Verificou-se que a localidade foi fundada por um pecuarista que, com um prêmio da loteria, comprou terras na região. Ademais, o desenvolvimento da comunidade se deu a partir de uma parceria entre o filho desse pecuarista e um padre alemão. Foi possível constatar que a narrativa de origem de Sítio Oiticica faz parte de uma “biblioteca oral”, isto é, ela está registrada apenas na memória das mais velhas e dos velhos. Entretanto, a escola da comunidade busca abordar em sala de aula, mesmo que de forma sutil, a história de origem tanto da localidade quanto do próprio município.

Depois, buscou-se compreender os festejos de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro sob a perspectiva dos moradores. A análise permitiu concluir que os frequentadores guardam memórias positivas do festejo e o consideram um misto de amor, missão e devoção. Além disso, foi possível conhecer e/ou recordar como esse evento religioso era realizado nos tempos passados, assim como, perceber como essa tradição se inovou e se adaptou ao tempo, espaço e geração.

Por fim, foi feita a análise da relação dos festejos da padroeira com o sentido de comunidade. Com isso, constatou-se que, além de mobilizar ativamente os moradores, o evento religioso é utilizado como um “pretexto” para regresso ao lugar de origem e re/encontro com seus “eus” do passado, com a família, amigos e/ou conhecidos. Ademais, ele possibilita uma maior interação entre as famílias, a construção de vínculos afetivos, desperta o sentimento de união e solidariedade, semeia o sentimento de pertença nas mais novas e nos mais novos que frequentam e, até mesmo, ajudam na realização do festejo.

Diante disso, a hipótese do trabalho de que o festejo da padroeira contribui para o fortalecimento do sentido de comunidade da localidade rural de Sítio Oiticica, se confirmou. Pois, esse evento religioso cumpre a função simbólica de reforçar vínculos e preservar

identidades. Sendo assim, é correto afirmar que a realização dos festejos de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro fortalece o “elo umbilical”, entre os moradores e o seu território.

Infelizmente, por conta da pandemia de Covid-19, não está sendo possível realizar os festejos da padroeira. Porém, os instrumentos de coleta de dados adotados neste trabalho, permitiram que a pesquisadora, que é integrante da comunidade e frequenta os festejos desde a infância, revivesse a partir da sua memória e das narrativas de seus mais velhos e de suas mais velhas esse ritual que tanto admira. A metodologia adotada, possibilitou o envolvimento ativo da comunidade que, além de contribuir com seus relatos, mobilizou-se em busca de registros fotográficos e informações que pudessem enriquecer a construção deste estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009

BÂ, Amadou Hampatê. A noção de pessoa na África Negra. Tradução para uso didático de: Bâ, Amadou Hampatê. **La notion de personne em Afrique Noire**. In: DIETERLEN, Germanaine (ed). Paris CNRS, 1981, P. 181 – 192, por Luiza Silva Porto Ramos e Kelvin Ferreira de Medeiros. Disponível em: <https://filosofia-africana.weebly.com/textos-africanos.html>

BUAINAIN, Antônio Márcio; GARCIA, Junior Ruiz. Desenvolvimento rural do semiárido brasileiro: transformações recentes, desafios e perspectivas. **CONFINS [Online] - Revista Franco-Brasileira de Geografia**, v. 19, n. 19, nov/2013. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/confins.8633>

CALDAS, Renata de Melo; SAMPAIO, Yony de Sa Barreto. Pobreza no Nordeste brasileiro: uma análise multidimensional. **Revista de Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 74-69, jan-abr/2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rec/a/T7fzd8My98VMWxw4sPH8rCq/?format=pdf&lang=pt>

CÉSAR, Davi. Região Nordeste possui quase metade de toda a pobreza no Brasil, segundo IBGE. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 25 de nov. de 2020. Disponível em: <https://www.fecop.seplag.ce.gov.br/2020/11/20/regiao-nordeste-possui-quase-metade-de-toda-a-pobreza-no-brasil-segundo-ibge/> Acesso em: 20 de abril de 2022

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Tradução: Sandra Mallmann. 3 Ed. – Porto Alegre: Penso, 2014

ELVAS, Susana; MONIZ, Maria João Vargas. Sentimento de comunidade, qualidade e satisfação de vida. **Análise Psicológica**, v. 28, n.3, p. 451-464, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.14417/ap.312>

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Conceição Lima; NUNES, Isabela Rosano (Orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Ilustrações Goya Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Tradução: Magda Lopes. – Porto Alegre: Penso, 2013

GOLDENBERG, Mirían. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8' ed. Rio de Janeiro: Record, 2004

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro - 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende - Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003

MACHADO, Adilbênia Freire. **Saberes ancestrais femininos na filosofia africana: poéticas de encantamento para metodologias e currículos afrorreferenciados**. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação, 268p, Fortaleza, 2019.

MACHADO, Vanda. **Pele da cor da noite**. - Salvador: EDUFBA, 2013.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. **Etnografia e educação: conceitos e usos [online]**. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. ISBN 978-85-7879-190-2. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf>

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Ruralidades: novos significados para o tradicional rural: NEAG 10 anos. In: MEDEIROS, Rosa Maria Vieira; LINDNER, Michele., orgs. **Dinâmica do espaço agrário: velhos e novos territórios**. Porto Alegre: Evangraf, 2017, pp. 179-189. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/157495/001016917.pdf>

MEIJER, Rebeca de Alcântara e Silva. **Percursos e territórios negros / quilombolas: introdução a uma pesquisa no Ceará**. In: ALVES, Maria Kellynia Farias; MACHADO, Adilbênia Freire; PETIT, Sandra Haydée (orgs). Memórias de Baobá II. Fortaleza; Imprece, 2015.

MOURA JR., James Ferreira; BARBOSA, Vilkie Natercia Malherme; MARTINS, Cícera Mônica da Silva Sousa; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. Psicologia e contextos rurais no Brasil: Interlocações com a psicologia comunitária. **Revista Interamericana de Psicologia**, v. 53, n. 2, p. 140-154, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.30849/rip/ijp.v53i2.1054>

MOURA JR., James Ferreira; CARDOSO, Antônio Alan Vieira; RODRIGUES, Denise Costa; VASCONCELOS, Rayssa Moraes; XIMENES, Verônica Moraes. Práxis em psicologia comunitária: festa de São João como atividade comunitária. **Revista Ciência em Extensão**, v. 9, n. 1, p. 104-122, 2013. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/18398>

PIETRAFESA, Emília. “Territorialidade” In: SANSONE, Livio; FURTADO, Cláudio Alves (orgs). **Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa**. Salvador: EDUFBA, 2014.

RATTS, Alex. **Percursos e territórios negros / quilombolas: introdução a uma pesquisa no Ceará**. In: ALVES, Maria Kellynia Farias; MACHADO, Adilbênia Freire; PETIT, Sandra Haydée (orgs). Memórias de Baobá II. Fortaleza; Imprece, 2015.

RATTS, Alex. **Traços étnicos: espacialidades e culturas negras e indígenas**. Fortaleza: RDS Gráfica e Editora, 2009.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural**. 2007; 24(1):214-41. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcco.2017.113972>

SARRIERA, Jorge Castellá; MOURA JR, James Ferreira; XIMENES, Verônica Moraes; RODRIGUES, Anelise Lopes. Sentido de comunidade como promotor de bem-estar em crianças brasileiras. **Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology (IJP)**,

v. 50, n. 1, p. 106-116, 2016. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=28446021012>

SILVA, Juniele Martins; HESPANHOL, Rosângela Aparecida de Medeiros. Discussão sobre comunidade e características das comunidades rurais no município de Catalão (Go). **Sociedade e Natureza**, v. 28, n. 3, p. 361-374, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-451320160303>

SOMÉ, Sobonfu. **O Espírito da Intimidade**: ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos. São Paulo: Odysseus Editora, 2003.

XIMENES, Verônica Moraes; ESMERALDO FILHO, Carlos Eduardo; XAVIER, Natacha Farias; MONTEIRO, Natália Bizerra Pimentel. **Relações entre pobreza e bem-estar em comunidades rurais do Brasil**. *Psicol. Conoc. Soc.* [online]. 2020, vol.10, n.1, pp. 98-121. Epub 01-Jun-2020. ISSN 1688-7026. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.26864/pcs.v10.n1.5>

XIMENES, Verônica Moraes; MOURA JR., James Ferreira; CRUZ, Janaína Miranda; SILVA, Lorena Brito da; SARRIERA, Jorge Castelá. (2016). **Pobreza multidimensional e seus aspectos subjetivos em contextos rurais e urbanos nordestinos**. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 21(2), 146-156. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.5935/1678-4669.20160015>

XIMENES, Verônica Moraes; MOURA JR., James Ferreira. (2013). **Psicologia Comunitária e Comunidades Rurais do Ceará: caminhos, práticas e vivências em extensão universitária**. In: Leite, J. F. & Dimenstein, M. (Org.). *Psicologia e Contextos Rurais*. 1ed. (pp. 453-476). Natal: EDUFRN. Disponível em: <https://doi.org/10.30849/rip/ijp.v53i2.1054>

WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales. Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo I (editora), Quito, Abya-Yala, 2013. ISBN: 978-9942-09-169-7.